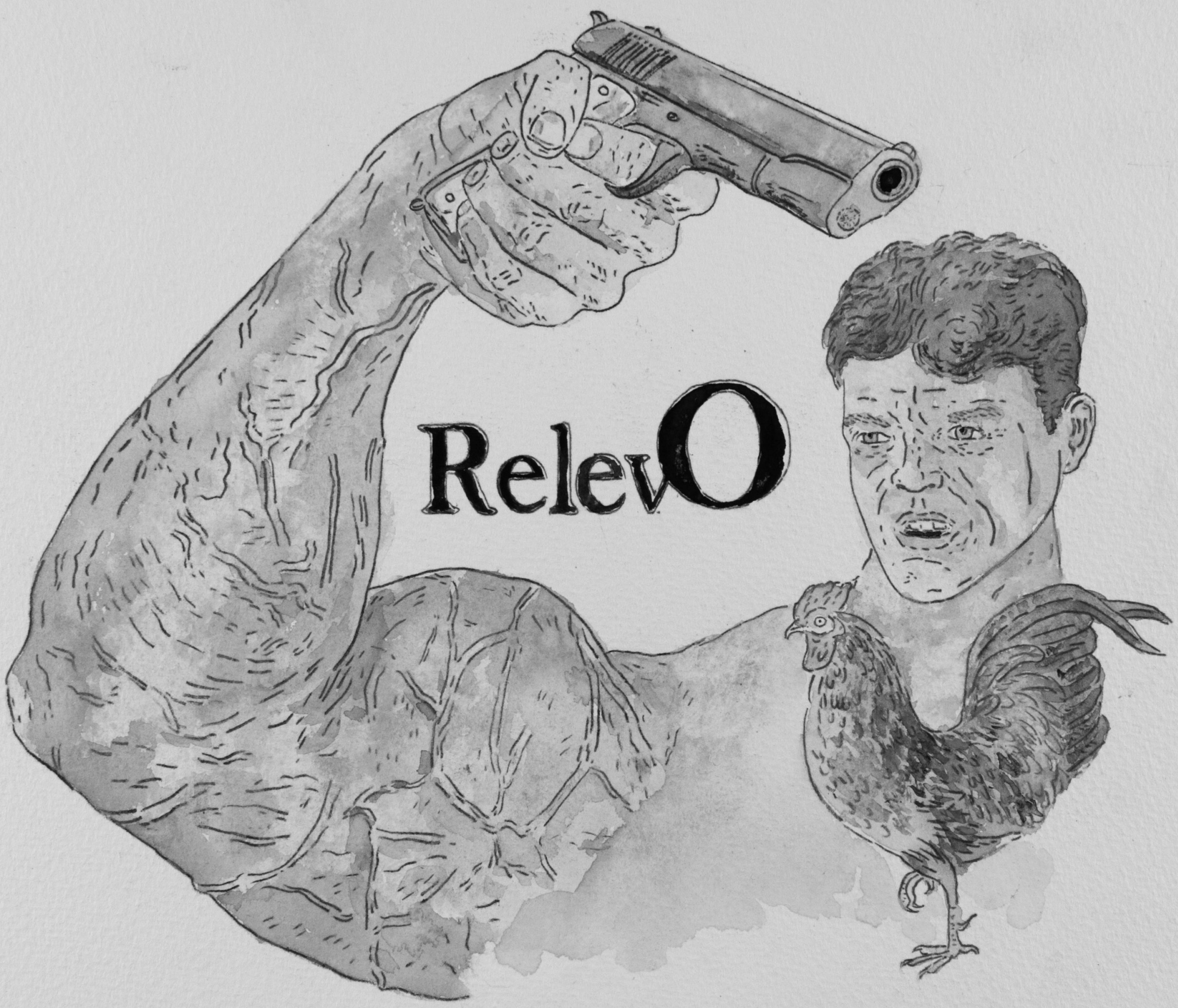

ESPECIAL RABO DE GALO – PARANÁ – JUNHO DE 2015 – EDIÇÃO XIII – ANO V

EDITORIAL

Esta edição do **RelevO** faz parte de um projeto transmídia do curta-metragem Rabo de Galo. É o primeiro filme produzido pela Kilériô Filmes.

A trama se passa em Curitiba, no bairro São Francisco. Conta a história de Laura, uma mulher de 40 anos, desiludida com a vida. Durante o dia, ela vaga por bares e ruas cruzando diversas pessoas, entre eles, um escritor boêmio, que vive seus dias com as lembranças do antigo relacionamento, um voyeur bêbado, uma junkie introvertida e um taxista alcoólatra. Enquanto isso, em um lugar paralelo se encontram Jean e Nicolas que, em meio a doses de rabo de galo, questionam a fé, o vício no álcool e a moral da humanidade.

O roteiro originou-se de três contos curitibanos: "Rabo de Galo" e "Chinasky", de Yan Lemos, e "Os olhos daquela menina", de Rodrigo Candido. A adaptação dos contos retrata um tanto do cotidiano e da vida própria do São Francisco, com todos os seus tipos de pessoas, desde artistas independentes a trabalhadores do comércio da região.

Além dessa edição especial do **RelevO** para o filme, o projeto Rabo de Galo também produzirá algumas outras transmídias em formato de vídeos para internet, videoclipes e intervenções urbanas, todas apresentando tramas paralelas relacionadas com o filme..

A produção é toda independente e não visa a lucro, o que explica bem o envolvimento do nosso impresso na empreitada – é uma turnê de força muito próxima da nossa. A arrecadação de recursos para investimento na pós-produção será feita por meio de financiamento coletivo pela plataforma Catarse. Para acompanhar o andamento do projeto, acesse a página da Kilériô Filmes no Facebook.

Antes de tudo, uma boa leitura a todos.

Capa Mario de Alencar

Contracapa Jonathan Van Thomaz

EXPEDIENTE

Fundado em setembro de 2010.
Editor Daniel Zanella **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo **Revisão** Mateus Ribeirete **Ombudsman** Carla Dias **Projeto Gráfico** Marceli Mengarda **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.
Edição finalizada em 29 de maio de 2015.

Contato jornalrelevo@gmail.com

RelevO catarse KILÁRIÔ FILMES

RABO DE GALO

YAN LEMOS

Detestava a cor dos táxis. Aquele xadrez somado ao laranja.

Acordava sempre cedo, oito horas, e lentamente preparava sua velha carcaça para mais um dia.

Seria esse o último deles? Morava numa pequena gaveta na Paula Gomes, dividia o banheiro com traficantes, putas e alguns jovens viciados em coca ruim e bar da Ivete. Já não trabalhava, vivia com uma aposentadoria fedida e inútil, útil apenas ao pensionato.

Caminhava, lá pelas dez horas, diariamente, até a 29 de Março, comprava uma pipoca de ontem e distribuía em lançamentos lúgubres às pombas aleijadas. Comia algumas, mas os piruás lhe machucavam a boca. Fumante desde os 15, fumava qualquer cigarro. Obviamente os que custavam um ou dois pila.

Meio dia, sol atrás das nuvens, olhava o céu. Hora de almoçar! Sortido da Ivete. Ia lá somente nesse horário, muito jovens imbecis com suas maconhas nas outras horas. Lembrava de seu amor, que nas falhas da vida deixou escapar. Pensava nela todo santo dia, que de santos nada tinham. Era a dor maior, doía em agudo no peito, já oco e idoso.

Mais tarde, ia sempre ao mesmo china, ou seria coreano? Japonês?

– Rabo de galo!

Bebia um, dois, dez. Dependia do dia, do calor. Naquele dia, em especial, chovia. Observava as pessoas, os casais de namorados a passear. Até mesmo os malditos porcos rondavam em casais por ali. Pensava nela, sentia e chorava debruçado na mesa suja daquela espelunca oriental.

Foi então que, numa brecha insana da vi da, a viu! Atravessava a rua, solitária, embaixo de seu guarda-chuva transparente. Era ela.

Com seus olhos de ressaca. Era ela. Num súbito bater de asas de seu coração, levantou e correu, sem pagar a conta. O velho oriental correndo atrás!

Ela descia a Treze, ele atravessou a Barão. Sinal fechado para seus passos. Ouviu o grito histérico da freada. Atropelado por um táxi, lançado aos metros. Agonizando, a viu continuar, Treze abaixo, e encontrar um homem, ao que parece, bem sucedido em seu importado sueco. Morreu ali na Barão. Detestava a cor dos táxis.

os olhos daquela menina

RODRIGO CANDIDO

Caía uma puta chuva dos olhos daquela menina que passava. Por ali, eu atirava bitucas na rua, cuspia um gosto amargo e decepcionante das noites mal tragadas anteriormente. Isso me deixava atento, pois nada me tirava da cabeça saber por que chovia tanto nos olhos daquela menina. Bebi mais um trago, mais e mais, bebia até demais. As pessoas passavam por ali e eu passava os olhos pelas pessoas que ali passavam. Mais uma vez passava a menina e com ela a chuva fria que passava sem cessar. Eu olhava aquela menina. As pessoas ao meu redor me perguntavam se estava tudo bem, eu me perguntava sem resposta alguma, as pessoas continuavam andando e com elas o olhar de desprezo e abandono sem nenhum incômodo. Eu continuava bêbado, cada vez mais, bêbado demais. Resolvi atravessar a rua, minhas pernas me arrastavam, mesmo assim eu atravessei a rua. As pessoas atravessavam meu caminho, talvez porque eu atravessasse o caminho delas. Não pra saber por que chovia nos olhos daquela menina, só pra me livrar de ter que olhar pra ela. Pra livrar o meu pensamento daquela chuva amarga e ácida, pra me livrar do temporal que se passava dos olhos dela pra minha cabeça. Eu queria cuidar daquela menina. Sozinha minha. Queria apenas que seus olhos apagassem e meus sonhos dormissem e não se lembrassem desses momentos de nebulosidade.

A COR DOS TÁXIS

ou (Ode torta ao triunfo)

JOÃO PEDRO AMORIN

"Nada está perdido ou pode ser perdido.
Nenhum fato é tão fatídico que te distancie
tanto pra eu não pensar no nunca."
Era isso que você dizia às vezes,
diante de nossos devaneios em silêncio.
Hoje, diante disso, em silêncio,
me sinto um estrangeiro a mim mesmo.
As palavras já não carregam sentido
se não observando os movimentos imaginários
de seus lábios.
O que sobrou de nós sou eu,
com minha carcaça, a lembrança e a desgraça.
Elas vestem laranja.
O laranja do peso do mundo,
do saber e não do sentir.
O laranja do nosso sofá,
da desculpa, dos delírios, dos caixotes
de laranja.
O laranja singelo e escancarado que estava em nossa volta.
Estávamos juntos.
Esqueci o resto do mundo.
Hoje, mandei embora o sofá laranja.
Maldito laranja.
Laranja do entoar dos sinos,
da luz das cruzes e dos cruzamentos.
Desprezo o laranja do alerta,
da desculpa e da chuva fina.
E sobretudo tenho horror a aquela grade xadrez
somada ao laranja carcerário dos táxis.

Coup de Foudre

YAN LEMOS
e MARIA PARAGUAYA
(Cavernoso Viñon)

dans la rue d´lavenir
je serai ce soir ivre
me voila éperdu e solitaire
oh profonde bouteille
prolongament de moi
oh profonde bouteille
tu est mort en moi
coup, coup coup de foudre
vous doutez de vous
vous doutez de tout
vous doutez de vous de tout de moi
doutez toujur
L´oeil clair et plein de feu
L´eau se fait vin
vin se fait sang
sang se fait l´amour
coup coup de foudre
coup coup de foudre
vous doutez de vous
vous doutez de tout
vous doutez de vous, de tout, de moi
doutez toujur

PAULO MATOS

Há os que fazem da vida um presente
E os que prezam o que fazem da vida
Uns se dão de presente a guarida
Outros, sonhos. Vivem o presente.

Nenhum dos dois está errado
Basta tentar entender
Uns comem sonhos..., de creme
Outros, os sonhos lhes dão de comer.

YAN LEMOS

A garoa caía fina, quase seca ao chão. Não molhava nem minhas roupas, velho trapo elegante e sujo. Sujo como meus pensamentos, descarados ou disfarçados nos prazeres que prezam suas qualidades. Caminhei em solidão, cortando pela viela por onde se pode fugir a pé da Manoel para a Inácio, descendo de canto pelo viaduto da avenida em direção ao baixo horizonte, poluído pela luz dos faróis dos carros que, naquela fatídica terça-feira, 20:37, rasgavam em vácuo o rumo de casa. Um vento soprou tão forte que, em assovio, me arrancou o cachecol, que voou em direção à rua. Por um instante não tive ímpeto algum de resgatá-lo. Mesma falta que cometia contra mim mesmo, diariamente. Resgatei-o. Bati calçada até a esquina com a Trajano, que me ultrajava em bares fechados. Única opção aberta era o velho Chinasky. Chegando em frente ao bar, observei sem reação um grupo de topetudos esquisitos, com seus suspensórios e garotas tatuadas. Obviamente não chamavam muito minha atenção. Entrei no bar, recanto dos sujos, inferno dos sentidos. Subindo as escadas pude logo observar que Iggy Pop balançava o pau num show que passava nas duas TVs que lá existiam em culto ao rock e a episódios da Pantera Cor de Rosa com trilha sonora dos Ramones ou Dr. Feelgood. Salão vazio, umas duas ou três pessoas. Chegando ao balcão me assustei com o tamanho daquela mulher sentada de forma sensual, o que era, em mínimo, mais bizarro impossível. – É uma sasquatch – pensei. Troquei algumas palavras com Juliano, dono da casa, sempre compelido na azáfama de suas porções de batata frita que valiam por dez, carregadas de bacon e calabresa. Pedi uma daquela bem gelada. Sempre gostei da interação da goela em choque térmico com a cerveja estúpida e ingrata, ainda mais em dias frios e quase molhados. Tomei duas delas, das mais baratas. Até tinha dinheiro, mas preferi poupar. Entrou no bar apenas mais uma pessoa nesse meio tempo. Um cara estranho e feio, óculos fundo de garrafa, carregando uma valise de couro preta, carcomida nas pontas. Veio até o balcão e, é obvio, teve que se sentar bem ao meu maldito lado. Falava de forma esquisita. Pediu uísque para acompanhá-lo em sua divagação de sabedoria estratosférica sobre Pop cantando Search and Destroy correndo de um lado para outro no palco. Aquilo realmente me chateou o bastante para querer ficar o mais longe possível daquele cara com bafo de Natu Nobilis. Fui ao banheiro e lá desferi uns tapas contra meu rosto e depois me aliviei do desconforto agudo. Nem lavei as mãos. Desci para fumar um cigarro. Os topetudos já haviam partido rumo. Mas tinha alguém ali, sei lá quem, punk qualquer com sua garrafa de tubo pronto comprada, provavelmente no Copo Sujo. Fumei dois cigarros e quando no fim do segundo, pensei que não poderia ter sido pior essa caminhada em busca do inalcançável. Culpa minha não ter atendido os bons alvitres que fiz para mim mesmo, umas horas antes. Foi então que tudo começou a ficar interessante. Em raio intenso, dobraram a encruzilhada L. Abri um sorriso safo, num grito interno da conscientização corporal eufórica que tive. A noite havia se concertado em quebra de estado, de tédio se transformou em madrugada adentro. Ela atravessou a rua em passos lógicos, e os olhares fixos em seu rosto congelado confirmava a coriza firme de sua timidez que me procurava. Cumprimentamos-nos em abraços. Finalmente uma amiga. Tarda, mas não falha... Não essa! Trocamos algumas risadas e depois de um silêncio súbito, nos olhamos de forma estraquinada. Choveu.

INT. SOCIEDADE BARIGUI - AMANHECER 1

No fundo do salão, NICOLAS e JEAN estão sentados um de frente para o outro. Entre eles há uma mesa com um cinzeiro, carteira de cigarros, uma garrafa de cachaça e uma de vermute. Em frente de cada um há um copo. Os dois estão fumando e comendo rollmops. Enquanto comem, JEAN segura um rollmops e analisa.

NICOLAS
(rindo) Cara, te juro que semana passada tive a impressão que Deus quis falar comigo.

JEAN vira

JEAN
E quem é você para falar com Deus?

NICOLAS
Pensei bem isso. Ele que cuide dos assuntos dele, e eu cuido dos

Mas afinal
acredita?

Esse assu
Prefiro f
acredito.

Tipo?

Enquanto fala, JEAN
e Nicolas come amen

Eu não ac
inferno.
morte. N
naquelas
amor em u
não acredi
e nem em
na verdad

CONTINUED:

O que sob
minha car
desgraça.

Na praça pessoas an
passam. No POV de J
pipocas na calçada
acende um cigarro.
nuvens está a pino,

Elas vest
peso do m
sentir.

INT. TOCA DA TUCA/B

No balcão do restau
artista e bonita. E
uma corrente dourad
Pedro. Está com um
jornal "A COR DO TA

O laranja
desculpa,
caixotes

Os olhos lacrimejad
palavra do texto. S
seus lábios tremulo
rádio do bar começa

O laranja
que estav
Estávamos
do mundo.
sofá lara

EXT.INT. TOCA DA TU

Fora do restaurante
grandes e um aspect
joga a bituca de ci
estabelecimento. E
sinuca, com mais al

Laranja d
luz das c
Desprezo
desculpa

CONTINUED:

2.

JEAN (cont'd)
alam na TV de um modo geral.
acredito em achismo e nem na
. Você sabe quem eu sou. Eu
acredito em muita coisa; mas
a não duvido. E nunca, de
nenhum eu acho. Eu sei! Sei
le existe. Tô falando sério,
a certeza, existe. Mas eu
eu, graças a Deus!

JEAN
Acredito.

JEAN
Acredito. Acredito em mim
se rabo de galo.

RABO DE GALO

FRANCISCO - DIA 2

gas, buzeiros, pombos, lixos, sujeira,
tro, postes, fios elétricos, sino de

EXT. PACHAD

No centro d
Algumas par
carros pass
alguns saoc

INT. CORRED
O corredor
portas de a
sacolas de

MONICA e ES
apartamento

INT. APARTA
O apartamen
lençóis est
pendurados.
chaleira sp

(CONTINUED)

5.

LAURA (V.O.)
de nós sou eu, com
a, a lembrança e a
desgraça.

. Ô ônibus para no tubo. T
PEDRO há um MENDIGO que j
s pombos o rodeiam. JOÃO P
lha para o céu. O sol atrá
rcando meio dia.

LAURA (V.O.)
laranja. O laranja do
o, do saber e não do
sentir.

ÃO - DIA 13

ce, LAURA, mulher de 40 an
está com um casaco escuro
m pingente de cruz, igual
olanta triste. Ela lê uma
de João Pedro Amorin.

LAURA (V.O.)
nosso sofá, da
s delírios, dos
laranja.

de LAURA lêem atentamente
boca fortemente fechada, d
baixo de seu batom amanhec
tocar "Sozinha Minha - Lob

LAURA (V.O.)
ngelo e escancarado
a nossa volta.
tos. Esqueci o resto
je, mandei embora o
. Maldito laranja.

SINUCA - DIA 14

ega CARLOS, ator, adulto,
e sujo. Ele meio bêbado,
co no chão da rua e entra
rimenta Matias que está j
as pessoas.

LAURA (V.O.)
atour dos sinos, da
s e dos cruzamentos.
aranja do alerta, da
a chuva fina.

CONTINUED: 11.

Enquanto NICOLA
Entra a trilha
"Lida - Di Melo".

JEAN
Ah, m
pode
caro Nicolas. A morte
sua melhor obra.

CONTINUED:

SALETE é uma mulher de 50
minal da cruz. Ela coloca
desliga o fogão e pega a c
um café. Com a mão tremula
de café, e completa com u
ponteiros, pendurado a pa

INT. CORREDOR DO PREDIO -

param de frente para uma p
apartamento de MATIAS.

INT. APARTAMENTO MATIAS -

O apartamento é escuro e c
com desenhos e fotografias
sentados em um sofá, eles

MATIAS se levanta e vai ab
e ESTEVÃO, que entram no a

3.

e, está de pijama, fazendo o
ão sobre uma Santa. Ela
eira. Usa a água para fazer
a pega uma xicará e a enche
uco de cachaça. Um relógio de
marca 08h37m.

a fechada e batem na porta do

as paredes forradas de papeis
ATIAS e mais e um casal estão
em e fumam.

a porta. Cumprimonta MONICA
tamento.

INT.EXT. APARTAMENTO JOÃO PEDRO/ PONTO DE

Da janela no POV de JOÃO PEDRO, uma fila
TÁXISTAS conversando.

INT. APARTAMENTO JOÃO PEDRO - DIA

VANESSA se aproxima de JOÃO PEDRO, passam
cabeça. JOÃO PEDRO continua olhando para

JOÃO PEDRO se vira e anda pelo espaço do
um cigarro de dentro do maço, que está sob
DORES DO MUNDO", com uma capa azul escuro
velho. JOÃO PEDRO pega esse livro, o abre
folhas há bilhetes com anotações, marca p
dinheiro velho, folhetos aleatórios e alg
antigas. Uma foto, em específico, chama a
uma foto de LAURA mais jovem. Ele pega a
livro. Seu olhar se mantém fixo na foto.

LAURA (V.O.)
"Nada está perdido ou pode ser
perdido. Nenhum fato é tão

LYA 10
is. Alguns

11
ão em sua

livro "As
ouro e muito
rre as
s, notas de
fotos
atenção, é
guarda o

CONTINUED:

LAURA (V.O.)
O que sobrou de nós sou eu, com
minha carcaça, a lembrança e a
desgraça.

Na praça pessoas andam. O ônibus para no tubo. Táxis passam. No POV de JOÃO PEDRO há um MENDIGO que joga pipocas na calçada e os pombos o rodeiam. JOÃO PEDRO acende um cigarro. E olha para o céu. O sol atrás das

Elas vestem laranja. O laranja do peso do mundo, do saber e não do sentir.

13 INT. TOCA DA TUCA/BALCÃO - DIA

No balcão do restaurante, LAURA, mulher de 40 anos, artista e bonita. Ela está com um casaco escuro e usando uma corrente dourada com pingente de cruz, igual a de Jo
Pedro. Está com um semblante triste. Ela lê uma coluna n
jornal "A COR DO TAÚ" de João Pedro Amorin.

Caixotes de lata j...

os lacrimejados de LAURA
a do texto. Sua boca fort
bios tremulos abaixo do
do bar começa a tocar "Sc

LAURA (V.O.
O laranja singelo e
que estava em nossa
Estávamos juntos. Esc
do mundo. Hoje, mand
sofá laranja. Maldit
aranja.

14 EXT. TOCA DA TUCA/SINUCA -

Fo o restaurante chega CARL
gra e um aspecto de sujo.
jog bituca de cigarro no ch
est elecimento. E cumprimenta
sin , com mais algumas pesso

LAURA (V.O
Laranja do entoar do
luz das cruzes e dos
Desprezo o laranja d
desculpa e da chuva

CONTINUED: 10.

NICOLAS
Eu só sei que sai lá
desse povo cheio de
querendo ditar o que
que é errado.

JEAN
O que essa gente tem
gozo.

NICOLAS
É! Eles acham que e
dia a menos. E sinc
não concordo. Não é
nem a menos. E é fat
que acredita em tudo
acreditando em porra
Ficam vivendo uma vi
que já morreu. Eu be
fodo e sou feliz pra
sou desses que fica
fantasia dos infelim

JEAN
Essa gente tem é cd.
tem cd, elas tem med

Os is riem, NICOLAS vira um
JE nche o seu copo.

NICOLAS
Cara, você tem medo

JE toma metade do conteúdo d

JEAN
Eu não, cara. Morrer
deve ser como um bo
que sem aquela mcmen
procede.

NI AS acende um cigarro e JE
do po.

JEAN
E até lá não vou esp
não. Sentado não faz
por qê? Você tem m

NICOLAS
Cara, de certo modo
da morte em especifi
tenho é medo de morr
lembrado. Tipo, não
obra, sacar?

o corrente
e coloca.

o camisado
o texto. Sua boca fort
e fechada, demonstram
seu batom amanhecido. No
ha Minha - Lobão".

o carcado
a.
ri o resto
embora o
aranja.

1

ator, adulto, olhos
meio bêbado, cospe e
a rua e entra no
ias que está jogando

nos, da
izamentos.
erta, da
a.

(CONTINUED)

vira seu copo.

remorso do

vira o resto do conteú

r sentando
ntido. Mas

. Mas, não
o que eu
e não ser
zer uma

(CONTINUED

Mas não, cara. Morrer
deve ser como uma bo
que sem aquela mcmen
procede.

Eu só sei que sai lá
desse povo cheio de
querendo ditar o que
que é errado.

O que essa gente tem
gozo.

É! Eles acham que e
dia a menos. E sinc
não concordo. Não é
nem a menos. E é fat
que acredita em tudo
acreditando em porra
Ficam vivendo uma vi
que já morreu. Eu be
fodo e sou feliz pra
sou desses que fica
fantasia dos infelim

Essa gente tem é cd.
tem cd, elas tem med

Os is riem, NICOLAS vira um
JE nche o seu copo.

Cara, você tem medo

JE toma metade do conteúdo d

Eu não, cara. Morrer
deve ser como uma bo
que sem aquela mcmen
procede.

NI AS acende um cigarro e JE
do po.

E até lá não vou esp
não. Sentado não faz
por qê? Você tem m

Cara, de certo modo
da morte em especifi
tenho é medo de morr
lembrado. Tipo, não
obra, sacar?

Mas, não
o que eu
e não ser
zer uma

(CONTINUED)

14.

CONTINUED:

LAURA é at
AFONSO e C
coloca as

CARLOS
Deus.

respira mais.

JOÃO PEDRO fica estático

AFONSO volta ao taxi, pega o aparel celular.

AFONSO
Alô! Preciso uma ambulânc aqui
na Barão do Cerro Azul co
Paula Gomes. Foi um
atropelamento, é uma mulh Eu
não sei o nome dela. O qu
Número da rua? É um cruza to
porra!

RABO DE GALO

tratamento 06

18/05/2015

Escrito por
JONATHAN VAN THOMAZ

FIM

Baseado nos contos
CHINASKY e RABO DE GALO de YAN LEMOS
OS OLHOS DAQUELA MENINA de RODRIGO CANDIDO

JONATHAN VAN THOMAZ
jonathanvanthomaz@gmail.com

MOIRA LEMOS
moirasll@hotmail.com